

Ser mulher em tempos de Francisco

27/02/2014

Maria Clara Bingemer

professora do Departamento de Teologia da PUC-Rio

Para o Papa Francisco, a relação com a mulher não está configurada em termos de suspeita, dominação, ou poder. Sabe ele que deve muito às mulheres, que o ampararam ao longo de toda a sua vida. E essa gratidão e reconhecimento encontram-se harmoniosamente impregnados em seu ministério e sua teologia.

O Papa aprecia na mulher sua sabedoria concreta, que nasce da experiência profunda e verdadeira porque ancorada e enraizada na realidade. Nada pode substituir essa experiência, nem toda a ciência do mundo. Como Bispo de Roma, o argentino Jorge Mario Bergoglio, em seus discursos e atitudes, tem deixado transparecer claramente essa confiança e esse carinho que podem resultar em uma grande esperança e abertura de perspectivas, não apenas para as mulheres, mas para toda a Igreja. Perguntado sobre a situação da mulher no mundo de hoje, Papa Francisco muitas vezes tem se pronunciado favorável a uma valorização maior da mulher na Igreja.

Quando no avião que o trazia de regresso a Roma depois da viagem ao Rio de Janeiro declarou que uma Igreja sem as mulheres é como o Colégio Apostólico sem **Maria**. Acrescentou – e isso nos parece o mais importante – que o papel da mulher na Igreja não é somente a maternidade e a família. É mais forte. E aí toma precisamente o ícone de **Maria** como Madonna, a quem a piedade cristã chama de Nossa Senhora; é aquela que ajuda a Igreja a crescer. E por isso é mais importante que os apóstolos e seu ministério.

Porém a grande novidade que diz, a nosso ver, é que não se pode limitar o papel da mulher na Igreja. A importância desta afirmação reside no fato de Francisco ir além do tradicional enquadramento que todos os documentos e pronunciamentos de Papas anteriores fazem ao se referir sempre à maternidade ou à vida consagrada. Assim transforma a impressão de que não restam outros espaços ou outras possibilidades para a mulher senão essas: o casamento, a família, a maternidade ou a consagração religiosa, passando rapidamente pelo trabalho e a profissão.

O Pontífice diz clara e textualmente que o papel da mulher na Igreja não deve circunscrever-se a ser mãe e/ou trabalhadora. Não se pode nem se deve limitá-la. Reconhece porém que para isso é necessário avançar mais na explicitação deste papel e carisma da mulher. Daí se pode inferir com justeza e sem forçar os pronunciamentos do Pontífice que quando ele diz que a Igreja é mãe e por isso o papel da mulher é tão importante, não pretende confinar a mulher ao privado do lar. Ou limitá-la aos tradicionais afazeres domésticos de trocar fraldas, cozinhar, limpar, lavar, passar... para os homens.

E em seguida exemplifica belissimamente com um fato histórico que não deixa a menor dúvida sobre sua postura aberta frente à mulher: o tão importante papel das mulheres paraguaias na reconstrução do país. Vale recolher as palavras literais de Bergoglio porque têm um longuíssimo alcance: *Para mim, a mulher do Paraguai é a mulher mais gloriosa da América Latina... Após a guerra, ficaram oito mulheres para cada homem, e essas mulheres fizeram uma escolha um pouco difícil: a escolha de ter filhos para salvar a pátria, a cultura, a fé e a língua. Na Igreja, temos de pensar a mulher sob essa perspectiva de escolhas arriscadas, mas como mulheres.*

Temos aí uma afirmação ousada e bela. O Papa legitima e mesmo elogia uma decisão que aparentemente e no fundo entra em choque com a moral tradicional do casamento monogâmico e da concepção e procriação apenas dentro deste. Admite uma ética circunstancial, onde mulheres, a fim de manter vivos seu país, seu povo, sua cultura optam por um bem maior que exige ir além das fronteiras da moral católica: ter filhos mesmo que não dentro da instituição do matrimônio

Porém, o mais importante e mais novo de toda a reflexão de Francisco sobre a mulher é sua visão pastoral universal, que percebe o perigo de visões reducionistas sobre as questões da moral sexual em relação à mulher: "Não podemos seguir insistindo apenas em questões referentes ao aborto, ao matrimônio homossexual, ao uso de anticoncepcionais. É impossível", afirmou.

O que o Papa quer dizer é que a moral deve ser consequência do kerigma, do primeiro anúncio, proposto com toda simplicidade, fulgor e entusiasmo. Uma vez que este anúncio tenha chegado ao seu destino, que é o coração humano, todo o resto é consequência. Consequências que, ainda que importantes, não manifestam por si só o coração do ensinamento de Jesus.

As mulheres finalmente são libertadas pela atitude e as palavras do Papa da eterna suspeita de serem as responsáveis pelo mal e pelo pecado, de terem facilitado sua entrada no mundo e de possuírem uma corporeidade que é sede de perigosa sedução, provocando desvios e erros que perturbam a castidade dos monges e o celibato do clero. Estas coisas não devem ocupar o lugar central da pastoral evangelizadora da Igreja – insiste Francisco – e, portanto homens e mulheres são chamados, todos e todas, a entregar suas vidas para que o Evangelho ganhe mundo e conforte os corações humanos.